

VIVÊNCIA FAMILIAR E SOCIAL DO PAI ADOLESCENTE*
FAMILY AND SOCIAL LIFE OF ADOLESCENT FATHERS
VIVENCIA FAMILIAR Y SOCIAL DEL PADRE ADOLESCENTE

*Lenir Severo Cauduro***

*Maria da Graça Corso da Motta****

* Artigo elaborado a partir da dissertação de Mestrado em Enfermagem: *Significados da paternidade para pais adolescentes com recém-nascidos hospitalizados*, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2005.

** Especialista em Enfermagem Pediátrica e em Enfermagem Neonatal pela UFRGS. Mestre em Enfermagem pela UFRGS. Enfermeira da Unidade de Internação Neonatal do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS.

*** Orientadora. Doutora em Filosofia de Enfermagem pela UFSC. Profª do Departamento Materno-Infantil e do Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem da UFRGS.

RESUMO. Estudo qualitativo descritivo cujo objetivo é compreender os significados de ser pai na adolescência, de recém-nascidos hospitalizados na Unidade de Internação Neonatal do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS. Os participantes foram sete pais adolescentes, com idade entre 17 e 19 anos, que estavam acompanhando seus bebês durante a hospitalização, no período de outubro de 2004 a fevereiro de 2005. Respeitando as questões éticas, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da referida Instituição. Os participantes com 18 anos ou mais assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido; os pais adolescentes menores de 18 anos foram acompanhados e autorizados por seus pais ou responsáveis. A coleta de informações ocorreu por meio de entrevista semi-estruturada e observação participante. Para análise e interpretação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Gomes. Dentre os temas, destaca-se a "Vivência Familiar e Social do Pai Adolescente", de onde se originaram os subtemas: Família de Origem do Pai Adolescente; Gravidez: Reação da Família de Origem do Pai Adolescente e da Companheira; Construção da Nova Família; Apoio Familiar. Retrata-se o momento em que o casal de adolescentes consolida sua própria família, tendo como base o apoio de suas famílias de origem.

PALAVRAS-CHAVE: paternidade; relações pai-filho; saúde da família; cuidados de enfermagem; enfermagem neonatal.

ABSTRACT. This qualitative, descriptive study aimed at understanding the meanings of paternity to adolescent fathers of newborns in the Neonatal Unit of Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS. The participants were seven adolescent fathers, aged 17-19 years, who were accompanying their babies in hospital from October 2004 to February 2005. Considering ethical issues, the project was approved by the Research Ethics Committee of that Institution. On accepting to participate in this research, the adolescents over 18 signed a Commitment Statement; those who were under 18 were accompanied and authorized to participate by their parents or other people responsible for them. Information was collected through both a semi-structured interview and participant observation. In order to analyze and interpret data, the content analysis was carried out. From the themes studied, one that has been emphasized is "Family and Social Life of Adolescent Fathers", which gave origin to the following sub-themes: Origin Family of Adolescent Fathers; Pregnancy: Response of both the Adolescent Father's and his Wife's Family; Building a New Family; Family Support. We have focused on the moment the adolescent couples consolidate their own new families, having the basic support from their families.

KEYWORDS: paternity; father-child relations; family health; nursing care; neonatal nursing.

RESUMEN. Estudio cualitativo descriptivo que tiene como objetivo comprender los significados de ser padre adolescentes de recién nacidos hospitalizados en la Unidad de Internación Neonatal del Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS. Los participantes fueron siete padres adolescentes, con edad entre 17 y 19 años, que estaban acompañando sus bebés durante la hospitalización, en el período de octubre de 2004 a febrero de 2005. Respetando las cuestiones éticas, el proyecto fué aprobado por el Comité de Ética en Pesquisa de la referida Institución. Los participantes con 18 años o más firmaron el Término de Consentimiento Libre Esclarecido; los padres adolescentes menores de 18 años fueron acompañados y autorizados por sus padres o responsables. La coleta de informaciones ocurrió por medio de una entrevista semiestructurada y observación participante. Para análisis e interpretación de los datos, fue utilizado el análisis de contenido propuesta por Gomes. Dentre los temas, se destaca la "Vivencia Familiar y Social del Padre Adolescente", de donde se originaron los subtemas Familia de Origen del Padre Adolescente; Embarazo: Reacción de la Familia de Origen del Padre Adolescente y de la Pareja; Construcción de la Nueva Familia; Apoyo Familiar. Se retrata el momento en que la pareja de adolescentes consolida su propia familia, teniendo como base el apoyo de sus familias de origen.

PALABRAS-CLAVE: paternidad; relaciones padre-hijo; salud de la familia; atención de enfermería; enfermería neonatal.

Recebido em: 27/02/2004

Aceito em: 28/03/2004

Lenir Severo Cauduro

Rua Barão do Gravataí, 360 - apto. 5001

Porto Alegre - RS

E-mail: lesc@cpovo.net

INTRODUÇÃO

A partir da experiência profissional e como enfermeira da Unidade de Internação Neonatal do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, constatei crescente número de pais adolescentes que, cada vez mais jovens, estão formando novos e emergentes núcleos familiares na sociedade. Busca-se um referencial teórico para fundamentar o cuidado a esses adolescentes, que se tornam pais, durante o processo de hospitalização de seus filhos, considerando que o conhecimento científico e as práticas vividas com o “ser pai” parecem insuficientes para compreender a complexidade dessa fase de desenvolvimento da vida, em que o indivíduo precisa desempenhar o papel de adolescente, homem e pai.

Os profissionais que se propõem a esse desafio, carecem de conhecimento e discussões, de outras áreas do saber como: Sociologia, Antropologia, História e Educação, pois os eventos da paternidade e da adolescência estão insertos no contexto sociocultural do indivíduo e isso se reflete diretamente na necessidade de assistência durante a hospitalização de sua família.

Pais adolescentes que enfrentam essa situação com o apoio de familiares, de ambas as partes, podem dividir suas preocupações, entre elas o sustento da nova família, tarefa que culturalmente, ainda é atribuída ao homem.

É importante conscientizar o jovem pai da sua capacidade reprodutiva e a sua responsabilidade na relação com seu filho, independentemente da manutenção ou não do vínculo com a parceira, levando em consideração a formação de uma nova família ¹.

A gravidez na adolescência, vivenciada no meu fazer profissional, revela o drama de famílias; com jovens que se tornam pais muito cedo; com abortos provocados em momento de desespero, colocando em risco a vida de meninas adolescentes e de seus bebês sobreviventes, que nascem pré-termos e com peso muito baixo ². Conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância, em relação à gravidez na adolescência, no Brasil 700.000 adolescentes são atendidas anualmente na Rede Pública de Saúde na

situação de parturientes. Ressalte-se que não está sendo contabilizado o atendimento realizado em clínicas e em hospitais conveniados e particulares. Um total de 13% das jovens entre 15 e 19 anos têm, pelo menos, um filho, ou seja, há em torno de um milhão de mães adolescentes. Observe-se que não está incluído o número de meninas que foram submetidas a aborto ³.

A solidão, carência afetiva, necessidade de auto-afirmação e a curiosidade natural de expressar sentimentos como amor e confiança são fatores contribuintes para as adolescentes iniciarem-se na vida sexual precocemente. Esses fatores também geram efeitos negativos na esfera social, como a limitação de oportunidades no mercado de trabalho e no campo emocional, tais como os conflitos em relação à maternidade e à falta de apoio do companheiro, sendo que, em alguns relacionamentos, a adolescente não tem vínculo permanente com o parceiro. Na realidade, cada adolescente defronta-se com uma gama de diferentes dificuldades, dependendo da sua classe social. Não é regra que a adolescente de classe social menos privilegiada seja menos acolhida por sua família e comunidade.

CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE PARA O ADOLESCENTE

Para os adolescentes, a construção da masculinidade é processo que inicia antes do nascimento, acompanhando-o ao longo das etapas evolutivas. O menino aprende a ajustar-se, no processo de construção da masculinidade, dependendo das suas condições biológicas e também sociais. Essa construção inicia-se na própria família, que está inserta num contexto histórico, cultural e social, interferindo de maneira direta no aspecto psicossocial do adolescente.

A representação da masculinidade para o adolescente abrange “os comportamentos de um homem, esperados em face de distintas situações” ^{2:13}. Transponho tal representação ao contexto hospitalar, onde o pai adolescente, sujeito

deste estudo, vivencia como adolescente a transição de menino a homem. O adolescente é um corpo em mudanças, que está formando seu caráter, buscando conquistar o sexo oposto, afirmando sua identidade. Ao mesmo tempo, precisa preocupar-se com uma família, assegurar o respeito da sua família de origem, de sua esposa ou companheira, e da própria sociedade, ter trabalho e vivenciar a paternidade, situações que confirmam sua transição da adolescência para a fase adulta, tornando-se homem. Nesse sentido, os adolescentes masculinos que transitam no mundo adulto, como os que se tornaram pais, vivenciam uma dura realidade, talvez mais dura do que para as mães adolescentes, pois precisam desempenhar seu papel de proteger e prover a nova família.

A masculinidade também aponta para as relações sociais do homem e com o próprio corpo. "Homem" significa pessoa adulta com corpo masculino. Na cultura de cada sociedade, supõe-se que exista uma verdadeira masculinidade, a dos homens de verdade, que o são por natureza, representados por corpos mais fortes, agressivos, com certo instinto violento, o que leva o senso comum a pensar que os homens não podem cuidar de crianças, que isso é coisa de mulher.

Os jovens têm grande temor em relação ao desenvolvimento tardio de seus corpos, isso porque as exigências sociais são maiores para o sexo masculino. Esta seria a justificativa de precisar ser "forte"².

PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Nesse panorama, é necessário também conhecer o mundo do homem adolescente, a sua compreensão de si mesmo, seus direitos e deveres e como exerce a paternidade diante de sua própria identidade e sexualidade. Para defender a importância de não se fazer distinção entre a paternidade de um adolescente e de um adulto, sugere que "investiguemos de forma mais profunda expectativas e sentimentos destes adolescentes, sua relação conjugal, com a família de origem e com o bebê"^{4:195}.

Estudar a temática da paternidade na adolescência requer uma vivência muito próxima com esses jovens, abster-se de arquétipos e preconceitos em relação a "ser pai tão jovem". É necessário entender tudo o que permeia a vida desses jovens até o momento da paternidade. A complexidade que envolve o fato de tornar-se pai na adolescência, somada à instabilidade na relação com a parceira e às inseguranças próprias dessa fase, dificulta ainda mais a adaptação a esse novo papel. Em geral, a dependência econômica torna difícil a ascensão à paternidade, mas não impede que haja envolvimento emocional com o bebê e apoio da família e da comunidade em que o jovem vive.

Inicialmente, para entender o papel do pai adolescente, é importante rever a sua situação no âmbito familiar e sociocultural. A paternidade na adolescência é preocupante pois a sociedade, geralmente faz uma análise punitiva, responsabilizando o homem e impedindo-o de exercer o direito de pensar e assumir seu papel de pai.

CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa caracteriza-se como estudo qualitativo do tipo exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa tende a ser holística, preocupada com os indivíduos e seu ambiente em todas as suas complexidades. Geralmente ela descreve com detalhes e explica o fenômeno em estudo. Exige envolvimento mais intenso do pesquisador no campo, pois os dados coletados são um cenário real, neste caso o hospital.

O contexto deste estudo foi a Unidade de Internação Neonatal do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS, Brasil, um hospital universitário geral e de grande porte, o que lhe permite ser uma instituição de referência para o Estado e outras regiões do País.

Os sujeitos foram sete pais adolescentes que estavam acompanhando seus filhos durante a hospitalização e que concordaram em participar do estudo. A concordância do pai adolescente em participar do estudo foi efetivada em um Termo de

Consentimento Informado. Os menores de 18 anos, além de assinarem o consentimento, tiveram que apresentar a necessária autorização de um responsável. Como critério de exclusão, a idade mínima foi delimitada em 15 anos, tendo havido um pai com idade de 14 anos no referido contexto. Foram excluídos os pais de bebês que tiveram menos de 30 semanas de gestação e com peso abaixo de 1.000 gramas; bebês em estado de saúde muito grave, com risco iminente de óbito ou aqueles que sofreram tentativa de aborto provocado apresentaram más formações aparentes ou investigadas pela genética; e aqueles cuja companheira tivesse o teste Anti-HIV/AIDS positivo, confirmado no pré-natal ou pelo teste rápido, feito no centro obstétrico da própria Instituição.

A coleta de informações foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada e observação participativa. A observação participante é um método não-estruturado que visa a estudar os problemas de enfermagem; constitui-se em técnica pela qual o pesquisador participa do funcionamento do grupo ou da Instituição investigada⁵.

As observações foram registradas no diário de campo no momento em que os pais estavam na Unidade de Internação Neonatal ou prestando algum cuidado aos seus bebês, quando foram observadas e registradas as interações pai X bebê e pai X bebê X mãe. Esse método possibilitou constatar e validar as entrevistas.

Para análise de informações, utilizou-se a análise de conteúdo de acordo com Gomes, que busca respostas para as questões formuladas, compreende o que está “por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”^{6,74}. Inicialmente, organizou-se o material a ser analisado; após, foi feita a primeira leitura do material. Posteriormente realizou-se uma leitura cuidadosa dos dados encontrados, sendo necessárias várias leituras de cada entrevista para retirar os trechos mais significativos. A classificação dos dados foi realizada com base nos relatos coletados nas entrevistas e nas observações que

foram feitas no diário de campo. Na análise e interpretação, articularam-se os temas com os referenciais de desenvolvimento humano/adolescência, gênero/masculinidade família e cuidado humano, a fim de responder às questões da pesquisa.

VIVÊNCIA FAMILIAR E SOCIAL DO PAI ADOLESCENTE

A vida familiar: “é nossa primeira escola de aprendizado emocional; nesse caldeirão íntimo, aprendemos sobre os nossos sentimentos e como as pessoas reagem a eles”^{7,13}. A família é definida como o primeiro espaço onde é formada a estrutura emocional e afetiva do indivíduo, em que se aprende a compreender o mundo dentro da realidade vivida. É onde se formam os vínculos; é o espaço de convivência e socialização, o qual é influenciado por fatores econômicos e sociais⁷.

FAMÍLIA DE ORIGEM DO PAI ADOLESCENTE

As famílias de origem dos pais adolescentes proporcionam elementos que podem ser decisivos na vida desses jovens. As idéias e valores herdados da família de origem parecem repetir-se nos modelos da atual geração. São filhos de casais muito jovens, em geral, na faixa etária entre 35 e 45 anos; estes são pais que também iniciaram sua vida sexual e formaram famílias na fase da adolescência. A família de origem é o lugar onde o pai adolescente inicia sua formação da masculinidade, observando as condutas, principalmente de seu pai. Alguns valores sobre masculinidade, para esses homens, estão associados com independência, responsabilidade e também paternidade².

Considera-se importante tecer alguns comentários sobre as famílias de origem dos pais adolescentes para delinear algumas características em comum, como virá a seguir:

Eu sou o mais velho e tenho duas irmãs. (PA 4)

Tenho quatro irmãs mais velhas que eu. (PA 6)

É, eu sou o mais velho, tem mais duas gurias e um que tem 7 anos. (PA 7)

Os pais adolescentes citados acima são filhos de casais que também se casaram jovens. PA 1 relatou que seus pais se separaram, quando ele e a irmã eram muito pequenos. Hoje, a mãe tem um menino com dois anos, filho de outro companheiro. Ele falava com carinho dos pais e dos irmãos. A sogra foi quem autorizou sua participação no estudo. Era mulher de 32 anos que estava no segundo casamento.

Sou o filho mais velho, tem a minha irmã e um guri de dois anos. (PA 1)

PA 2 relatou que, quando os pais se separaram, ele e os irmãos ficaram com a mãe. Ele trabalhava com o pai e demonstrou ter boa relação com ele. Um fato curioso, observado durante a coleta de dados com PA 2, foi quando ele trouxe a tia, também muito jovem, para autorizar a participação no estudo, pois a mãe estava doente e o pai não poderia vir em função do trabalho.

Sou o filho mais novo, tenho um monte de irmãos, e os meus pais são separados. (PA 2)

A relação familiar de PA 3 era bem diferente da de todos os outros pais. Ele foi adotado por uma família e ficou órfão aos sete anos; a partir daí, foi criado por sua irmã mais velha (adotiva), de quem falava com muito carinho e a quem respeitava como se fosse sua mãe. No decorrer da entrevista, comentou sobre um tio que foi importante na sua formação e que o auxiliou no primeiro emprego. Esse jovem era muito independente; aos 15 anos, foi morar sozinho e passou a se sustentar. Falava isso muito tranquilamente e sentia-se orgulhoso.

Eu sou de criação [adotado] dessa família. A minha irmã tem 27 anos. A mãe dela, no caso, é minha mãe também, me pegou para criar com 1 ano e 2 meses, aí ela me cuidou até os 7 anos, depois ela faleceu. Aí eu fiquei dos 7 aos 14 anos com a minha irmã. Ela me criou. (PA 3)

PA 5 era de origem alemã, vinha de uma família numerosa, era o filho mais jovem. Era o único jovem filho de pais com mais de 55 anos de idade. Ele relatou que os mais velhos cuidaram dos menores,

pois os pais tinham que trabalhar na roça. Ele praticamente foi criado pelos seus irmãos, tanto que morava com um dos seus irmãos e sua cunhada. Todos eram independentes desde muito jovens, quando vieram trabalhar no Sul.

Nós somos seis irmãos. Quando eu nasci, o mais velho tinha 17 anos, eles me criaram. (PA 5)

GRAVIDEZ: REAÇÃO DAS FAMÍLIAS EM FACE A GRAVIDEZ

A reação da família da parceira parece ser a mais difícil de ser enfrentada pelo pai adolescente; no entanto essas reações ou as dificuldades podem variar, dependendo da classe social e de acordo com os princípios de cada família. A reação da família da mãe adolescente é um fator importante para o pai adolescente, podendo ter reflexo na sua atitude com seus filhos e com sua companheira, conforme se observa nas falas a seguir:

A minha mãe gostou, e o meu pai também gostou (PA 1). A minha mãe achou normal, mas o meu pai não. Ele ficou brabo e disse que eu vou ter que trabalhar e sustentar o nenê (PA 2). Eu não tive contato com os meus pais, eles morreram. Eu fui criado pela minha irmã. Eu, quando dei a notícia, não dependia mais dela (PA 3). Bom, com os meus pais, não teve nenhum problema, nem fui eu que contei da gravidez, foi o meu irmão, ele é meio intrometido. Ele ligou e contou para o meu pai, mas o meu pai sabia que podia acontecer um dia e ficou feliz com a neta (PA 5).

Os discursos dos pais expressam que há algo em comum nas famílias. As mães são mais flexíveis e compreensivas, enquanto os pais dos adolescentes, diante da iminência da paternidade, tentam impor sutilmente um modelo de figura paterna que provavelmente foi idealizado por eles. O pai adolescente pode sentir-se auxiliado ao vivenciar esse momento, embora seja reforçada a questão da inexperiência de vida. Ao mesmo tempo, ele obtém um parâmetro de como irá agir como pai, considerado “um mero repetir de ações que seu pai já realizou”^{8:65}.

A família de PA 6 e a mãe de PA 7 não gostaram de receber a notícia da gravidez, embora, nos dois casos, os adolescentes já morassem juntos antes de a adolescente engravidar.

A minha família, de cara, não gostou muito. Disseram que eu era muito jovem, que eu não tenho muita experiência, mas aí eles tiveram que aceitar. Agora está tudo certo. (PA 6)

A minha mãe não gostou no começo porque eu era muito novo, mas é o primeiro neto da minha mãe e do meu pai também. Agora eles estão gostando. (PA 7)

Fato importante para a aceitação, depois que passa o impacto da notícia, é que as famílias dos pais adolescentes tiveram trajetória semelhante à dos seus filhos. Isso confere com a realidade desses jovens pais, cuja gravidez ou paternidade na adolescência acontece, “tradicionalmente, um pouco mais precocemente, se comparado com o que ocorre em grupos de outros estratos sociais”^{9:61}.

A afirmação da autora confere com os relatos de PA 4. Esse pai veio de uma família com melhores condições econômicas e culturais, recebeu boa formação escolar. Provavelmente, a família esperava que ele construísse sua vida profissional e depois casasse e fosse pai. Esse seria o motivo da não-aceitação da notícia no primeiro momento.

Depois que ela estava grávida [a companheira], eu contei para os meus pais. Foi um susto para eles. Eu fui um pouco ralhado por eles, porque eu fui avisado [...]. (PA 4)

No caso de PA 4, no decorrer das observações em campo, não havia sido verificada a visita do avô paterno ao bebê durante a hospitalização, ao contrário do que se observava com outros pais adolescentes. Passados alguns dias, encontrando PA 4 no elevador do hospital, ele disse que estava muito feliz pois:

Hoje o meu pai foi conhecer o neto e ficou muito emocionado. Disse que era parecido comigo quando nasci. (PA 4)

A gravidez na adolescência modifica as relações intrafamiliares, produzindo transtornos importantes

nesse contexto. O primeiro impacto da notícia da gravidez causa nos pais um sentimento de decepção, seguido de traição, pois a “adolescente grávida recorre primeiramente ao parceiro, depois a sua mãe”^{10:26}. Os discursos de PA 5 e PA 7 refletem os fatos:

A família da minha esposa ficou braba, ela é mais nova, muito mais nova que eu. Ela tem 14 anos. A mãe ficou braba, demorou em entender, pra compreender, mas é normal. Agora está até ajudando. (PA 5)

A mãe dela não gostou porque ela é muito nova, mas agora também está adorando. (PA 7)

As famílias das companheiras desses pais adolescentes, no primeiro momento, demonstraram um sentimento de tristeza, de indignação em relação à idade da mãe. Existe o sentimento de que isso não aconteceria com a sua filha, podendo ser normal para a filha dos outros.

No começo, eles choraram, mas depois eles ficaram alegres, mais alegres. (PA 2)

Assim, após a fase da decepção, os pais acabam refletindo e avaliando suas condutas e assumem uma postura diferente, mesmo admitindo que a filha desobedeceu, não seguindo suas orientações e conselhos. Famílias que já vivenciaram a situação trabalham melhor o problema e, por fim, aceitam a idéia de ser avós¹¹. Esses sentimentos são expressos na fala de PA 6:

A minha sogra gostou, porque é o primeiro neto. Ela queria um filho homem e não pôde ter e, graças a Deus, ela conseguiu... Foi um menino. (PA 6)

Para PA 1, a família da companheira aceitou tranqüilamente a gravidez. Para a mãe da companheira, que também foi mãe adolescente, o fato não causou tanto temor; entretanto ela o aconselha a ter mais responsabilidade; quando se conversou com ela, a única coisa que a preocupava é que não poderia dar-lhes a atenção que mereciam. Ela não poderia ficar muito tempo no hospital, porque cuidava de um filho com necessidades especiais.

A mãe dela [da companheira] aceitou numa boa, só que ela chegou pra mim e disse: tu vais ter que ser mais responsável. (PA 1)

Ela relatou que estava gostando de ser avó cedo, só não iria ajudar a cuidar do bebê; por isso exigia que o pai dividisse a responsabilidade dos cuidados com a criança.

A mãe dela disse que a gente não pensou antes de fazer, aí ela disse que não dava pra fazer nada, 'se vocês não pensaram antes, têm que arcar com as conseqüências' [fala da sogra]. (PA 4)

A família dela [da companheira] ficou surpresa. Mas foi legal, até pensei que fosse mais difícil. (PA 3)

Durante as observações, constatou-se que a companheira de PA 4 também era uma menina de um bom nível cultural e social. Isto estava explícito, nas características da família, no seu nível de escolaridade, no seu vocabulário, pois o casal adolescente estava se preparando para o vestibular. Era muito provável que os pais dessa jovem tivessem planejado um futuro diferente para ela. De acordo com as regras dessa família, ambos foram chamados a assumir suas responsabilidades, e isso foi um motivo de estresse familiar, devido ao modo como essa família compreendeu e aceitou a gravidez¹¹.

APOIO FAMILIAR

Apesar de algumas dificuldades citadas pelos pais adolescentes, com relação às reações das famílias ao saberem da gravidez, observou-se que nenhuma família deixou de apoiá-los, após passado o primeiro impacto causado pela notícia da gravidez, embora alguns adolescentes já morassem juntos antes de engravidarem. Todos encontraram nas suas famílias um ambiente acolhedor para o casal e o bebê.

No entanto, além do apoio da família, para muitos é necessário um apoio externo para os pais adolescentes, pois nem todos têm condições de enfrentar a situação sozinhos, e isso pode gerar conflito e sofrimento¹².

Conforme se pode constatar nas falas seguintes, após passar o impacto da notícia, veio o apoio da família da companheira, que foi selado com a ajuda da construção da casa do casal. Essa foi a forma de dizer que estavam de acordo, e era disso que o casal precisava para iniciar uma nova vida. Foi o modo que a família da companheira encontrou para auxiliar o pai adolescente a assumir socialmente a paternidade.

A minha família me apóia, e o meu sogro quis me ajudar a construir a casa [...]. (PA 1)

O meu sogro me ajudou a construir a casa, eu me dou bem com ele. (PA 2)

O apoio do sogro aparece presente para esses dois pais. É uma referência de modelo de paternidade. Tanto PA 1 quanto PA 2 são filhos de pais separados e buscam na figura do sogro o que chama de "modelo de atuação paterna que auxilia o rapaz em sua vivência como pai, pois lhe possibilita uma referência, um parâmetro de como agir"^{8,65}. Nesse modelo de paternidade, fica evidente que os pais adolescentes procuraram a figura de seu pai; quando isso não é possível, eles buscam a figura masculina mais próxima, ou seja, era o sogro ou o irmão mais velho, como revela PA 5:

Eu morava com o meu irmão ainda. Ele ficou brabo comigo. Ele se sentia responsável por mim, mas ele me apoiou, ele estava fazendo o papel de irmão mais velho. (PA 5)

No entanto, PA 4 conta mais com o apoio da família da esposa e de sua mãe. O pai aparece sempre em todas as falas como o mais "rígido e conservador" entre os entrevistados. Isso evidencia que essa família, em especial o pai, rejeitava a atitude do filho em ser pai aos 19 anos, o que, na sua concepção, poderia ter sido evitado, por dois motivos: devido ao seu grau de instrução e, possivelmente, pelas orientações recebidas a respeito da prevenção da gravidez.

A família da minha esposa está dando bastante apoio e a minha mãe também. O meu pai, que é mais fechado, sempre foi mais conservador. Ele disse: 'eu avisei, tu foste bem avisado, tu não foste pelo que a

gente te disse, se tu te cuidasses, não teria filho' [fala do pai]. (PA 4)

Essa não aceitação ou “decepção” talvez seja esse o termo, manifestou-se também sob a forma de silêncio, como aparece na fala:

[...] depois que eu dei a notícia, eles não tocavam muito no assunto. (PA 4)

O silêncio para a família de origem e a possível falta de diálogo podem significar uma reflexão sobre como os adolescentes foram informados a respeito da sexualidade e da prevenção da gravidez. Esse silêncio pode representar um sentimento de culpa⁸.

Todavia existe uma diferença em relação à concepção de apoio aos adolescentes mais velhos desse grupo, ou seja, uma mera coincidência entre eles. PA 3 já morava sozinho desde os 15 anos, como revelou anteriormente, e PA 6 e PA 7 já moravam com suas companheiras; então, a gravidez já era previsível.

Eu já morava sozinho, tinha minha independência (PA 3).

Ah, eles apoiaram [os familiares do casal]. É uma relação boa, todo o mundo convive bem. No início, a gente morava com a minha mãe, depois conseguimos alugar uma casa. (PA 6)

[...] Eles me ajudaram a comprar o roupeiro do nenê, me ajudaram a lavar as roupinhas. Depois que ele nasceu, eles também me ajudam muito enquanto eu estou aqui no hospital. (PA 7)

“O apoio ofertado ao casal varia desde ajuda financeira para o enxoval do bebê até a cessão de cômodos no interior das casas para moradia”^{9:84}. Para estes pais adolescentes além do apoio material, o apoio psicológico é muito importante, visto que, além da paternidade na adolescência, enfrentar a hospitalização do filho é uma experiência muito dolorosa de ser vivida, independentemente da idade do homem.

CONSTRUÇÃO DA NOVA FAMÍLIA

A formação da nova família não incluiu a formalidade do casamento, mas aparece em todos

os relatos dos pais adolescentes a denominação da companheira como “esposa”, revelando a coabitação, que significa habitar em comum, viver intimamente com alguém¹³.

Morar juntos é a representação formal do ato de assumir a paternidade, que está atrelada à responsabilidade e ao trabalho. Aparece aí uma imagem do homem provedor que mantém economicamente o filho e a companheira².

As uniões dos pais adolescentes PA 2, PA 6, PA 3 e PA 7 já estavam estabelecidas antes de as companheiras engravidarem, mas existem um tempo variável entre a coabitação e a gravidez desses casais. O que morava menos tempo com a companheira era PA 2, com um ano de convivência antes de engravidar.

A gente já morava junto, na casa da mãe dela, há quase um ano. É uma peça só. Mas a gente está fazendo uma outra casa, meu sogro está ajudando. (PA 2)

O fato é que a gravidez não foi determinante para a coabitação; no entanto significou a independência da casa dos sogros, embora tenha sido o primeiro local da acolhida do novo casal.

Os demais pais, em média, já viviam há dois ou três anos com suas companheiras. Nenhum deles mencionou ter um relacionamento eventual como “ficar”; referiram-se ao tempo de namoro antes de morarem juntos.

Nota-se que o apoio das famílias se concretizou na cessão de um pequeno espaço para que o casal pudesse morar junto. PA 2, PA 3 e PA 6 moravam com a família da companheira.

Eu já morava com ela [a companheira] faz dois anos na nossa casa. (PA 3)

Eu moro com ela [a companheira] a uma quadra da minha sogra. Nós fizemos um negócio com esta casa, era da tia dela, paguei em partes para ela. (PA 6)

PA 7, que morava com sua mãe, resolveu viver em sua própria casa com a companheira, relatando que houve um desentendimento do casal com a mãe, no caso, a dona da casa.

A gente já morava junto antes, tinha mais ou menos um ano e meio de namoro (faz quase três anos, ela tinha treze anos). A gente resolveu morar junto, e não deu certo, até porque eu morava na casa da minha mãe. Aí eu saí e aluguei uma casa para mim. Agora eu consegui ter a minha casa. (PA 7)

O percurso para a coabitação de PA 1 com a companheira somente foi antecipado, pois ele já morava sozinho em sua casa, no pátio da casa da mãe (os pais dele são separados). Pretendia construir uma casa melhor para a companheira e o bebê.

A gente já pensava em morar junto, eu moro no pátio da casa da minha mãe. A minha casa é do lado, separada da minha mãe. Mas eu quero construir uma casa melhor para nós. (PA 1)

Já PA 4 e PA 5 passaram a coabitar com suas companheiras após a confirmação da gravidez, pois eles foram morar com a família da moça. Curiosamente, somente um dos pais adolescentes mencionou morar junto com sua mãe, o que não deu certo (PA 7). Isso demonstra que, nesse grupo de pais, a família da companheira foi a que mais proporcionou acolhida. No entanto existe um contraponto que poderá ficar nas entrelinhas no caso desses dois pais adolescentes: assumir publicamente o relacionamento, embora já houvesse o consentimento das famílias, como relatou PA 4.

A gente não morava junto antes de ela engravidar, mas eu passava a maior parte do meu tempo ali [na casa da companheira]. Aí, depois que ela engravidou, eu fui morar na casa do meu sogro. Ih! Agora eles [os sogros] estão dando mais força pra nós. Nós estamos morando juntos, e são eles que mais nos apóiam por enquanto. (PA 4)

Para Cabral⁹, outro aspecto importante para o pai adolescente é assumir a companheira grávida e passar a dividir a mesma casa, revelando um ato de responsabilidade e masculinidade, como aconteceu com PA 5, que passou a morar com a parceira, quando ela estava com três meses de gestação.

A gente não morava junto antes de ela engravidar. Estamos juntos faz seis meses, só depois da gravidez.

A mãe dela disse que eu podia morar junto com ela no começo, porque não tinha condições, eu era bem novo, não tinha nada ainda. Daí ela deixou morar junto com ela. (PA 5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento percebe-se que refletir sobre a vivência familiar e social do pai adolescente é tarefa complexa, exige compreender os múltiplos fatores que permeiam a trajetória desses adolescentes, até o momento em que se tornaram pais.

Pressupõe-se que emerge uma visão de mundo, de cada um dos sujeitos do estudo, a partir do contexto social, dos significados de ser adolescente, homem, bem como o de transpor a vida adulta por meio da paternidade.

Constata-se que, nesta década, se vive um momento de grandes transformações, visto que as próprias instituições estão tendo outro olhar para essas famílias emergentes de adolescentes, preocupando-se em dar suporte mais adequado, como o exemplo do Programa PAPAI **** coordenado por Lyra em Recife, onde os jovens pais buscam apoio pessoal o que reflete no modo de criar seus filhos de maneira mais digna¹⁴. Outro ponto a destacar é a crescente preocupação dos profissionais da saúde em ampliar seu conhecimento sobre a etapa evolutiva do adolescente, inseri-lo no cuidado, a partir do pré-natal, intensificando no momento do nascimento da criança, buscando fortalecer os vínculos de pais e filhos, visualizando a família como uma unidade de cuidados.

REFERÊNCIAS

- 1 Lyra J. Estudo diz que pais jovens não conseguem acompanhar a gravidez. Recife (PE); 2000. Disponível em: <http://www.ufpe.br/ascom/cconline/002/pesq001.html> (27 set 2001).

**** O PAPAI alia intervenção, pesquisa e ensino. Está sendo desenvolvido em Recife, na UFPE, em parceria com a Clínica Psicológica e Laboratório de Interação Social Humana, do Departamento de Psicologia. O trabalho tem como objetivo geral trazer para primeiro plano de discussão a importância da participação jovem e masculina na vida reprodutiva e familiar.

- 2 Aguirre R, Guell P. Hacerse hombres: la construcción de la masculinidad en los adolescentes y sus riesgos. Santiago: Organización Mundial de la Salud; 2002. p.13.
- 3 UNICEF. A voz dos adolescentes. São Paulo; 2002. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/voz_resumo.htm>. (11 maio 2004).
- 4 Levandowski DC. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. Estudos Psicol. 2001; 6(2):195-209.
- 5 Polit DF, Beck CT, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2004.
- 6 Gomes R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes; 1997. p. 67-80.
- 7 Elias MJ, Tobias SE, Friedlander BS. Pais e mães emocionalmente inteligentes. Rio de Janeiro: Objetiva; 1999. p.13.
- 8 Trindade E, Bruns MAT. Adolescentes e paternidade: um estudo fenomenológico. Ribeirão Preto: Holos; 1999. p.65.
- 9 Cabral CS. Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro. [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2002. p.61,84. 140 f.
- 10 Godinho RA, Schelp JRB, Parada CMGL, Bertencello NMF. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? Rev Latino-am. Enferm 2000; 8(2):25-32.
- 11 Pelloso SM, Carvalho MDB, Valsecchi EASS. O vivenciar da gravidez na adolescência. Acta Scient. 2002; 24(3):775-81.
- 12 Lyra J. Participação masculina na gravidez adolescente. In: Vieira EM, Fernandes MEL, Bailey P, McKay A, organizadoras. Seminário gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família; 1998. p.119-26.
- 13 Ferreira ABH. Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba (PR): Positivo; 2005. Coabitar; p. 240.
- 14 Lyra J. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: Arilha M, Ridenti SGU, Medrado B, organizadores. Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECOS; 1998. p.185-214.